



Itinerários do Guimbaustrilho: viajando com Nei Lopes pela hinterlândia carioca

José Luiz Matias*

Por meio da análise do livro-revista *Guimbaustrilho e outros mistérios suburbanos*, de Nei Lopes (2001), a proposta deste artigo é refletir sobre a contribuição da verve suburbana para a construção do que poderia ser denominado como cultura carioca. O volume é o segundo da Coleção Sebastião, uma iniciativa da Prefeitura do Rio de Janeiro de patrocinar publicações que contem histórias sobre a vida carioca.

Desde o início vale a pena desvendar o que seja Guimbaustrilho, tomando emprestada a palavra do próprio autor, embora ele só revele o enigma na última página do livro:

O “Guimbaustrilho” [...] é a aglutinação (com supressão do s final) da expressão “guimba aos trilhos”. E era esse o nome de um jogo em que os praticantes, enquanto esperavam o trem na plataforma da estação, lançavam nos trilhos baganas ou guimbas de cigarros com filtro, vencendo aquele que primeiro conseguisse que seu “projétil” caísse de pé (Lopes: 2001, 211).

Para o jornalista Joaquim Ferreira dos Santos, “Guimbaustrilho é um jogo da grande olimpíada da Zona Norte” (2016), à medida que resume as atitudes mais frequentes na vida do suburbano: a

* Doutor em Estudos de Literatura pela Universidade Federal Fluminense (UFF).

criatividade do jogo para lidar com as trapaças da vida; o cigarro da paciência para esperar o trem sempre atrasado; a estação da desesperança e os trilhos de uma rotina cotidiana que parece infundável. Por isso, o Guimbaustrilho será o fio condutor da viagem narrada por Nei Lopes ao longo da hinterlândia carioca, que “compreende as antigas zonas suburbana e rural, inclusive Guaratiba e Sepetiba, e exclui a zona portuária, bem como a Barra da Tijuca” (Lopes: 2012, 176).

Nei Lopes é um artista multifacetado que milita na literatura, no jornalismo, na pesquisa histórica e cultural, além de ser cantor e compositor consagrado. Possui uma expressiva produção literária e musical, com mais de 35 publicações e cerca de trezentas composições musicais. Seus trabalhos sobre a cultura afro-brasileira mostram a maestria do pesquisador profundamente comprometido em enfatizar a maiúscula contribuição da negritude para a formação cultural do país. Tal comprometimento o leva também a sustentar um duro embate para superar atitudes preconceituosas daqueles que contradizem ou minimizam a importância desta contribuição.

Para o biógrafo Osvaldo Faustino (2009), a obra de Nei Lopes segue três vertentes que se intercomplementam. A primeira é a carioca, fruto da capacidade de absorver, digerir e recriar, com o bom humor e a ginga dos antigos malandros, tudo que acontece no dia a dia no Rio de Janeiro. A segunda consiste na identidade negra, resultante de uma busca incansável de conhecer, compreender e divulgar tudo que se refere a essa parte fundamental de sua origem. A terceira aborda a memória, definida pelo autor como “emoção pura”.

É ainda Osvaldo Faustino que reconhece não haver “racismo, preconceito ou discriminação que resista aos incessantes ataques de um malungo [guerreiro] como ele” (2009, 95). Terá

sido a disposição de malungo um dos motivadores para que Nei Lopes resolvesse mostrar uma face do subúrbio como polo gerador de cultura, a fim de confrontar alguma visão mais segregacionista da mundivivência da hinterlândia carioca com relação ao centro urbano. Entre algumas destas manifestações excludentes, é antológica a sarcástica observação de Nelson Rodrigues na TVE, em 1973, cujo teor foi repetido em suas múltiplas entrevistas: “Nunca viajo porque, a partir do Méier, sinto saudades do Brasil. Ninguém acredita. Eu só sei viver com minha língua e minha pátria. Sou um homem da minha rua. Quando vou muito longe me sinto um peixe fora d’água”. Embora essa tenha sido mais uma de suas famosas frases de efeito, a tirada rodriguiana deu vazão a uma série de comentários depreciativos da vida suburbana. Além disso, paira no imaginário da sociedade a vinculação do subúrbio aos altos índices de criminalidade, aos logradouros maltratados, ao provincianismo de seus habitantes, ao descaso das autoridades, considerando-o um submundo, lugar de excursão e incursão de políticos apenas com intenções eleitoreiras.

Por outro lado, Lima Barreto já havia traduzido, em sua escritura, o protagonismo do subúrbio na literatura brasileira com publicações como *Clara dos Anjos*, romance em que relata a saga da mulher negra, pobre e ingênua seduzida pelo malandro Cassi Jones. Adotando uma postura crítica diante da injustiça e do preconceito social, o autor não deixa de representar o subúrbio como um *locus* de personagens característicos e de extensas tramas melodramáticas colhidas no afã da vida agitada por uma série de acontecimentos:

São operários, pequenos empregados, militares de todas as patentes, inferiores de milícias prestantes, funcionários públicos

e gente que, apesar de honesta, vive de pequenas transações, do dia a dia, em que ganham penosamente alguns mil réis. O subúrbio é o refúgio dos infelizes (Barreto: 1990, 85).

Nei Lopes se dispõe a refazer o percurso de Lima Barreto adotando uma abordagem mais integradora do subúrbio, mediante a qual ele mesmo se inclui como coparticipante do ambiente cultural, tornando a escritura extremamente contaminada pelas emoções de sua biografia e pela atitude compreensiva diante das tramas e de seus personagens, por quem demonstra ligação afetiva. Eis o convite que faz aos leitores:

Vambora, leitor! Vambora, leitora! Pois vocês estão convidados a viajar comigo pelos trilhos do Rio e conhecer o Guimbaustrilho. Numa viagem tão atemporal quanto bem-humorada. De trem, no bonde que não existe mais, de ônibus, de kombi, de van, e até mesmo a pé. Indo da Central à Baixada e à Zona Oeste. Percorrendo os bairros bacanas da Zona Norte. Visitando lugares, histórias, costumes, tradições e personagens dessas outras margens do Rio. Desse Rio que escorre seu samba, sua macumba, sua cultura entre os trilhos da Central, da Leopoldina e do Metrô. Trilhos às vezes de asfalto, chamados Brasil, Automóvel Clube, Suburbana ou Rio-São Paulo. Trilhos esses que muitos bondes também já cruzaram. E onde o Guimbaustrilho também fez muito sucesso. Vambora! Do comezinho (Lopes: 2001, 8).

Depois do irrecusável convite, o narrador envereda pelos quatro itinerários em viagem *sui generis* pela hinterlândia carioca, passando pelas estações de trem, esticando até a Baixada Flumi-

nense e encerrando na estação das barcas da Ilha do Governador. Sobre o tecido narrativo em que predomina o relato de itinerários, Michel Certeau afirma que é uma forma de narrar marcada por “descritores do tipo mapa, que têm como função indicar ou um *efeito* obtido pelo percurso (‘você vê...’), ou um *dado* que postula seu limite (‘há uma parede’), sua possibilidade (‘há uma porta’) ou uma obrigação (‘há um sentido único’)” (1998, 205; grifos do autor). Em vez de focar detidamente cada um desses itinerários, vale a pena extrair do texto alguns flashes que apresentem a ideia dos efeitos e dados nos descritores existentes no mapa deste verdadeiro roteiro de viagem suburbana:

1. Com Dom João VI tomando banho sob a Ponte Rio-Niterói e o “orvalho” da U. S. Air Force caindo em Vila Isabel [...].
2. Com Melo Maluco passando com seu teco-teco por baixo da ponte de Cascadura, Cruz e Souza tomando cerveja preta e a Igreja Universal nascendo na Abolição [...];
3. Com o presidente da Portela dançando suingue ao lado de revolucionários espanhóis em Irajá; o Maracanã na Pavuna... E o ônibus pirata metendo bronca na Baixada [...].
3. Com seu Sete da Lira em Santíssimo, Dr. Castor em Bangu, o Bispo de Maura na Penha e Josephine Baker baixando num terreiro de Ramos [...].

(Lopes: 2001, 8; 52; 105; 162).

Nestes itinerários se identifica claramente a “cosmovisão carnavalesca” (Bakhtin: 2010, 139) com que é composta a narrativa: uma sucessão de “causos”, fatos, registros históricos ou fictícios, descrições, citações, todos amalgamados numa sequência atemporal

e sinuosa, quebrando totalmente as barreiras hierárquicas entre os personagens: por exemplo, na construção da imagem de Dom João VI em sua Casa de Banhos na Praia do Caju, em pleno século XIX, porém à sombra da Ponte Rio-Niterói, que só viria ser inaugurada em 1974. Em outra oportunidade, reproduzem-se algumas regras de comportamento a serem observadas no botequim, até porque o livro-revista viria ser lançado no Bar do Costa, ponto de encontro da boemia em Vila Isabel:

O botequim não é, tradicionalmente, lugar de bêbados, pinguços, pãodoces [sic], paudáguas [sic]. Para o frequentador típico desse gênero de estabelecimento, o boteco é mais um espaço de socialização, onde o álcool, e principalmente a cerveja, entra apenas como um denominador comum. [...]

No botequim, o cara só ganha diploma de alcoólatra, mesmo, quando fica enchendo o saco, cutucando, errando de copo e não dizendo coisa com coisa (Lopes: 2001, 36-7).

Tais registros, entretanto, não se apresentam por meio de uma enumeração caótica. A narrativa se compõe mediante um amálgama de situações cuja conexão se dá pela lógica dos espaços visitados pelo autor e pelo leitor. O percurso dos itinerários se realiza na sucessão dos microrrelatos, que, embora pareçam independentes em algumas oportunidades, estabelecem um nexos entre si, à semelhança da sucessão de fotogramas que criam a dinâmica dos filmes. A sequência de fotografias, várias das quais fragmentadas, cria um caleidoscópio de imagens do subúrbio e oferece ao leitor diversos ângulos de visão, compondo o que Susan Sontag sugere como “antologia de imagens”. Para a autora,

ao ensinar-nos um novo código visual, as fotografias transformam e ampliam as nossas noções do que vale a pena olhar e do que pode ser observado. São uma gramática e, mais importante ainda, uma ética de visão.

Por fim, o resultado mais significativo da atividade fotográfica é dar-nos a sensação de que nossa cabeça pode conter o mundo todo – como uma antologia de imagens (1986, 13).

Por sua vez, Regina Dalcastagnè considera que “o espaço, hoje mais do que nunca, é constitutivo da personagem seja ela nômade ou não” (2012, 109). Dalcastagnè observa também que o espaço da narrativa brasileira atual é essencialmente urbano e delineado em duas perspectivas: “*polis* (grega): símbolo da sociabilidade humana, consistindo em lugar de encontro e da vida em comum; Babel: símbolo da diversidade humana, compreendendo o espaço de convívio das massas que não se reconhecem ou se hostilizam” (2012, 110). Para a autora, a segunda é mais fascinante, pois trata do local onde se abrem todas as possibilidades de relacionamento, a ponto de tornar a cidade a própria personagem da narrativa.

Em *Guimbaustrilho e outros mistérios suburbanos*, o subúrbio é representado, ao mesmo tempo, como espaço de sociabilidade (*polis*) e de diversidade (babélica), integrando-se à complexidade cultural do Rio de Janeiro à medida que consegue, com o protagonismo do acervo relatado no texto, quebrar a hierarquia e a pretensa hegemonia cultural do eixo Centro-Zona Sul. Ao privilegiar a viagem por esses itinerários antes nunca palmilhados por muitos cariocas, Nei Lopes consegue confrontar os constrangimentos impostos ao subúrbio por seus detratores, favoráveis ao segregacionismo. O autor ressignifica a presença do subúrbio no contexto da cultura carioca,

desvirtuando a ideia de haver espaços culturais hierarquizados, pois todos são importantes para sua construção. Outro escritor que se afina com a perspectiva de Lopes é Zuenir Ventura, autor do livro *Cidade partida* (1994) – obra em que relata a desigualdade social do Rio de Janeiro –, que revela em entrevista seu desejo utópico de ver a cidade unida em torno da cultura, reconhecendo que é a situação socioeconômica que a divide inapelavelmente: “o melhor da cultura nasce no morro, na periferia, com o samba, o funk. É uma questão social” (2016, 37).

A partir das reflexões propostas, entende-se a necessidade de que o movimento de valorização da complexidade cultural do Rio de Janeiro seja conduzido também pela literatura e demais manifestações estéticas cultivadas no subúrbio, uma vez que já se verifica intensa cumplicidade entre manifestações, como ocorre com o carnaval e suas escolas de samba, evento em que o eixo Centro-Zona Sul se desloca para a hinterlândia a fim de viabilizar sua participação nos desfiles carnavalescos. Nesse caso, formam-se “espaços de aglutinação” (Dalcastagnè: 2012, 120) totalmente legitimados e apreciados pela sociedade.

Segundo Collot, “o espaço não é, para os escritores, somente um cenário exterior, mas a expressão de valores e de significações de seu imaginário mais íntimo, portador de um potencial considerável de invenção linguística e formal” (2012, 29). Portanto, o mapa delimitado por Nei Lopes em *Guimbaustrilho e outros mistérios suburbanos* pode não ser a representação real do espaço retratado, mas guarda a vantagem de recolocar o subúrbio, embora de maneira fragmentada e repassada de afetividade, no protagonismo do cadinho cultural do Rio de Janeiro.

Referências

- BAKHTIN, Mikhail. “Peculiaridades do gênero, do enredo e da composição das obras de Dostoiévski”. In: _____. *Problemas da poética de Dostoiévski*. Tradução de Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010, pp. 115-206.
- BARRETO, Afonso Henriques de Lima. *Clara dos Anjos*. Rio de Janeiro: Garnier, 1990.
- CERTEAU, Michel de. “Relatos de espaço”. In: _____. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis: Vozes, 1998, pp. 199-217.
- COLLOT, Michel. “Rumo a uma geografia literária”. Tradução de Ida Alves. *Gragoatá*, n° 33, pp. 17-31, 2° semestre de 2012.
- DALCASTAGNÈ, Regina. “Espaços possíveis”. In: _____. *Literatura brasileira contemporânea: um território contestado*. Rio de Janeiro: EdUERJ; Vinhedo: Horizonte, 2012, pp. 109-45.
- FAUSTINO, Osvaldo. *Nei Lopes*. São Paulo: Selo Negro, 2009.
- LOPES, Nei. *Guimbaustrilho e outros mistérios suburbanos*. Rio de Janeiro: Dantes, 2001.
- _____. *Dicionário da hinterlândia carioca: antigos “subúrbio” e “zona rural”*. Rio de Janeiro: Pallas, 2012.
- RODRIGUES, Nelson. “Entrevista Nelson Rodrigues”. Entrevista concedida por Nelson Rodrigues ao canal TVE em 1973. Disponível em: <<http://www.nelsonrodrigues.com.br/site/materia.php?t=n&c=12&i=33#>>. Acesso em 25 de agosto de 2016.
- SANTOS, Joaquim Ferreira dos. “Mistérios do Rio”. Caderno B, *Jornal do Brasil*. Disponível em: <<http://jbonline.terra.com>>.

br/jb/cadernob/2001/08/25>. Acesso em 25 de agosto de 2016.

SONTAG, Susan. *Ensaio sobre fotografia*. Lisboa: Dom Quixote, 1986.

VENTURA, Zuenir. *Cidade partida*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

_____. “Minha utopia é escrever sobre a cidade unida”. Caderno Economia, *O Globo*, Rio de Janeiro, 25 de setembro de 2016, p. 37.